



## Prostituição e judaísmo em *O ciclo das águas*, de Moacyr Scliar

Prostitution and Judaism in *O ciclo das águas*, by Moacyr Scliar

Lunara Abadia Gonçalves Calixto\*

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo principal analisar o livro *O ciclo das águas*, de Moacyr Scliar, buscando, por meio da história da personagem Esther, evidenciar o processo de prostituição de moças judias, em especial as “polacas”, trazidas da Europa para o Brasil. Como a prostituição envolvendo judeus era um tabu presente na comunidade judaica no Brasil, Moacyr Scliar foi o pioneiro a abordar este tema por meio da ficção. O que deve ser considerado é que o romance, como gênero narrativo, aborda sobre a realidade vivida dessas mulheres no Brasil, o que lhe confere verossimilhança, porém não se limita à descrição da realidade (atributo da historiografia), mas à sua representação. Assim, por meio de nomes como Kushnir (1996), Scliar (1985; 2002), dentre outros autores, pretende-se analisar a relação entre “o sagrado e o profano” que perpassa a figura da mulher que torna-se prostituta, dentro de um contexto em que prostituição e judaísmo estão interligados.

**Palavras-chave:** *O ciclo das águas*. Judaísmo. Prostituição.

**Abstract:** This article has as its main objective to analyze the book *O ciclo das águas*, by the author Moacyr Scliar, searching, through the story of Esther, highlighting the process of prostitution of Jewish girls, in particular the “Polish”, brought from Europe to Brazil. As prostitution involving Jews was a taboo in the Jewish community in Brazil, Moacyr Scliar pioneered the approach this theme through fiction. What must be considered is that the novel, as narrative genre, tackles about the reality of those Jewish women in Brazil, giving verisimilitude, but not limiting the description of reality (attribute of historiography), but their representation. Thus, through names like Kushnir (1996), Scliar (1985; 2002), and other authors, we intend to investigate the relation between “the sacred and the profane” that permeates the figure of the Jewish woman who becomes a prostitute, within a context in which prostitution and Judaism are intertwined.

**Keywords:** *O ciclo das águas*. Judaism. Prostitution.

*O ciclo das águas*, escrita em 1977 por Moacyr Scliar, foi inspirada na questão do tráfico de mulheres judias trazidas para a América no início do século 20, que eram obrigadas a serem escravas sexuais. O que a obra também aborda é a



participação de judeus nessa atividade, os quais atuavam como *cáftens*. A presença de judeus no Brasil praticando o lenocínio teve uma presença significativa, já que o termo *cáften*, que se popularizou no Brasil como “cafetão”, derivaria de *caftas*, tradicional casaco longo usado por judeus do Leste Europeu (KUSHNIR, 1996, p. 68). Assim, houve judeus da Europa Oriental, entre o final do século 19 e início do século 20, que contraíam matrimônio apenas para tornarem suas esposas prostitutas. Elas acreditavam na proposta, e com a perspectiva de fugirem de uma vida de miséria e perseguição religiosa, aceitavam. Na vinda para a América (e outras regiões mais ricas da Europa também), já eram exploradas dentro do navio como prostitutas.

Pensar que a prostituição, prática considerada como profana no meio religioso judaico-cristão, – com mulheres judias prostitutas e homens judeus proxenetas – suscita inúmeros questionamentos. É a partir desses questionamentos que este artigo se propõe a investigar o tema, velado por muito tempo na comunidade judaica.

De origem judaica, Moacyr Scliar procurou retratar em algumas de suas obras a temática do imigrante judeu. Ao recriar o passado judaico, Scliar não o aborda como uma série objetiva de eventos, mas o traz pela memória coletiva e pessoal, em que a história de uma mulher judia, Esther, traduz a vida de muitas outras polacas. Conforme Trindade e Scarpari (2002), abordar um fato histórico na literatura pode desencadear um problema entre o que é ficção e o que é “real”. O que, no entanto, deve ser considerado é que o romance, como gênero narrativo, trata da realidade vivida, registrando e recriando aspectos da vida cotidiana. Esse fato é o que confere verossimilhança ao romance, pois o mesmo não se limita à descrição da realidade (atributo da historiografia), mas à sua representação.

O fato de trazer aspectos históricos para a literatura pressupõe um entrelaçamento, em que, nas palavras de Antonio Candido (1965), história e literatura se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Assim, a relação de ambos cria outras perspectivas de conhecimento, possibilitando novas leituras, tanto da ficção quanto da história, havendo uma “pluralidade de verdades”.

Scliar, portanto, constrói seu texto mesclando tanto aspectos reais quanto ficcionais: retrata, por meio do romance, a trajetória vivida por centenas de imigrantes judias que se dirigiram para a América, onde acreditavam que encontrariam melhores condições de vida e maior liberdade, utilizando para



tanto, o simbolismo da água, que em seus movimentos e ciclos, pode remeter a momentos da vida humana e mais especificamente, à história dessas mulheres.

## 1 Mulheres judias

Nas comunidades judaicas mais tradicionais, até por volta do século 19, não havia, na sua grande maioria, para as mulheres a delegação de papéis de destaque. Viviam para os afazeres domésticos e não lhes era permitido o estudo, até mesmo religioso da Torá. Segundo Sérgio Feldman (2006), a exclusão das mulheres de alguns privilégios estava baseada na premissa rabínica de que os homens e as mulheres desempenhavam papéis diferentes, embora complementares. A diferenciação da mulher em relação ao homem se via também dentro do conjunto das orações matinais, em que os homens, diariamente, deveriam proferir: “Bendito sejas Tu, Eterno, nosso Deus, Rei do Universo, que não me fizeste mulher” (Bênçãos Matinais - Tratado Menachot). Além disso, esta oração era precedida de duas outras, as quais afirmam-se os agradecimentos a Deus por não se ter nascido idólatra e nem escravo. Mesmo que muitos sábios judaicos tenham discutido essa acepção, uma vez que pela visão humanista do judaísmo, os ateus, os idólatras e os escravos seriam criaturas de Deus,

ainda assim, a mulher, colocada junto de escravos, está categorizada como um ser inferior ao homem. Tem funções e deveres diferentes e restrições sociais, religiosas e culturais. O *status* feminino foi discutido e comentado por muitos rabinos e sábios que ora concordaram e ora questionaram essa bênção (FELDMAN, 2006, p. 253).

Com relação à divisão de papéis, o homem deveria ser o encarregado do sustento do lar e preservador ativo da Torá e dos valores religiosos, enquanto a mulher seria a preservadora do lar, cuidando dos filhos e de sua educação, dos alimentos e das roupas. A partir desta constatação, ainda se mantinha a impressão de certa inferioridade para com a mulher.

Se considerarmos essa perspectiva sobre a mulher, não iniciada nos ritos ou mistérios religiosos e sem ordens sacras, e uma vez que o homem agradece por não ter nascido mulher, pode-se dizer que esta não seria considerada, dentro dessa perspectiva mais tradicionalista e arcaica do judaísmo, como possuidora das mesmas capacidades em relação ao homem, sendo este considerado como o “abençoado”.



Mesmo com a luta das mulheres judias para um maior prestígio, ainda era difícil alcançar um *status* de igualdade entre os homens. Somente no século 19, devido às transformações ideológicas da modernidade e a vinda para a América, é que houve para as mulheres, uma abertura para uma mudança de concepção do seu lugar no judaísmo e na sociedade, até mesmo para uma abertura na sua educação. Conforme Feldman,

o movimento feminista exerceu sua influência no mundo judaico: nos movimentos religiosos não ortodoxos (reformistas, liberais, reconstrucionistas, conservadores e outros) se discute a participação feminina. O último quartel do século XX foi de avanços em todos os setores da sociedade judaica, no que tange à presença e aos direitos da mulher. Inúmeros seminários rabínicos (não ortodoxos) abriram suas portas às mulheres e já existem rabinas em algumas congregações norte-americanas e europeias. Esse avanço se deu com conflitos, oposição e muito debate (FELDMAN, 2006, p. 254).

A emigração ainda, assim, surgia como uma tentativa de virada na vida. Conforme DUBY (1991) citado por TRINDADE e SCARPARI (2002, p. 273), “para as mulheres, a emigração podia significar submissão e dependência ou podia significar emancipação pessoal”. A nova terra oferecia a possibilidade, tanto para homens quanto para mulheres, de um ensino regular e gratuito. Assim, “para as mulheres mais jovens, a emigração poderia tornar-se uma forma de libertação” (SCARPARI, 2002, p. 153).

Com a perspectiva de uma vida melhor, muitas imigrantes judias acabaram se tornando vítimas de homens que as enganavam com promessas falsas, se tratando de verdadeiros traficantes de escravas brancas. De acordo com KUSHNIR (1996), fugindo da pobreza e da discriminação sofrida na Europa Oriental, especialmente na Polônia, muitas foram as mulheres que, seduzidas por propostas de casamento ou de empregos, se tornavam presas de uma rede internacional de proxenetas.

As “polacas”, termo generalizado para se referir às prostitutas judias no Brasil no início do século 20, representavam a imagem das mulheres pobres judias, oriundas das regiões agrícolas e industrialmente atrasadas da Europa, acompanhando a tendência geral da época do tráfico de mulheres, nos países da Europa Oriental e da Europa mediterrânea. Na verdade, as “polacas”



constituíam mulheres vindas de países além da Polônia, como Hungria, Áustria, Rússia, Estônia, Letônia.

Uma das explicações encontradas para o aliciamento dessas mulheres, principalmente as “polacas”, é que se constituiu um imaginário voltado para a idealização dessas mulheres vindas da Europa. Em um país como o Brasil, onde grande parte das prostitutas era formada por ex-escravas negras,

mulheres loiras, ruivas, claras, delicadas, de olhos verdes ou azuis tornavam-se mais misteriosas e inatingíveis para uma clientela masculina seduzida pelos mistérios fantásticos da vida moderna e impulsionada pelo desejo de desvendar física e simbolicamente os labirintos (RAGO, 1991, p. 224).

Muitas “polacas” chegavam ao Brasil depois de passarem pela cidade de Buenos Aires, entre 1880 e 1930, considerada como o mercado distribuidor para todo o continente sul-americano. As mulheres eram consideradas verdadeiras mercadorias pelo cáften, que

explora o lenocínio como se estivessem à testa de uma casa de negócios para a qual a mulher é exclusivamente uma mercadoria [...]. Absolutamente certo de que ela, na vida do meretrício, lhe dará lucros fabulosos, instala-a com os mesmos cuidados e preocupações que um comerciante emprega ao montar uma casa de negócios (KUSHNIR, 1996, p. 105).

Como se observa, a mulher deixa de possuir os status de ser humano para se tornar um objeto de comércio.

## **2 Águas claras e sujas**

O romance *O ciclo das águas*, publicado em 1977 pela Editora Globo, de Porto Alegre, foi baseado na história real de uma paciente polaca que Scliar, recém-formado em Medicina, conheceu no Lar dos Velhos da Comunidade Israelita de Porto Alegre. Esta paciente inspirou a criação de Esther, a protagonista de *O ciclo das águas*.

Com relação ao título *O ciclo das águas*, tem-se que a água tece uma rede simbólica, que diz respeito à transição psíquica e emocional dos personagens.



Quando se fala em simbolismo, tudo tem um significado e intenção: nada é por acaso e em tudo há um vestígio que pode ser objeto de interpretação.

Utilizando a simbologia que a água pode significar, Scliar faz um paralelo entre o ciclo das águas e o ciclo de vida dos personagens: há uma constante transformação, e a cada reviravolta na vida dos personagens, pode-se comparar a uma nova fase do ciclo se inicia. Assim, uma fase mais calma remete a passagem da água leve e clara; já um estado de sofrimento se associa à água escura e impura. Há, ainda, a concepção de que a água tem como destino carregar a dor humana. Assim, a água, ora se tornará escura e fétida, assim como os problemas existentes na vida humana, sendo difíceis de purificar. Esta consideração se comprova a partir do trecho do texto: “breve as águas cristalinas estarão escuras e fétidas” (SCLIAR, 2002, p. 27).

Há uma renovação cíclica, em que se anseia por águas mais claras: “as águas voltam à terra, infiltram-se, desaparecem. Ressurgirão como nascentes – depois riachos – depois rios. E mares. E nuvens, e chuva: chove muito, no começo. As águas voltam à terra” (SCLIAR, 2002, p. 5).

O romance, desse modo, gira em torno do processo cíclico da água e as imagens da água remetem à vida dos personagens, ao seu destino, que passa do límpido ao turvo, e vice-versa, infinitamente.

O romance é narrado por intermédio da alternância do foco narrativo: ora há a presença de um narrador personagem em primeira pessoa (na figura de Marcos, filho de Esther), ora um narrador onisciente. Além disso, a narrativa que começa pelo fim, se desenvolve em pequenos blocos.

A história de Esther diz respeito a uma jovem camponesa, filha de um *mohel* (conselheiro e aquele que realiza a circuncisão) da Polônia. Casa-se aos dezessete anos com Mêndele, seu amor de infância, para vir morar na América. Mêndele se mostra sempre enigmático, distante de Esther, mesmo na festa de casamento. Na verdade, nessa época, muitos aliciadores se apresentavam como comerciantes enriquecidos na América, que retornavam à aldeia natal em busca de uma esposa da mesma nacionalidade, como é o caso de Mêndele.

Viajando para Paris, na lua de mel, e sem mesmo tocar a esposa, Mêndele deixa a mulher à mercê de um homem, que a inicia no ofício da prostituição. Prosseguindo viagem rumo à América, Mêndele falece ainda no navio e Esther fica sob a responsabilidade dos amigos do marido que os receberiam quando chegassem.





Passando por Buenos Aires antes de chegar ao Brasil, Esther é recebida por Leiser, chefe latino-americano da organização de escravas brancas, e amigo e sócio de Mêndele. Logo, é levada para a “Casa dos Prazeres”, onde acaba se tornando o que seria a melhor prostituta. Atendendo Rafael, um jovem judeu inexperiente, acaba se envolvendo com ele, até engravidar. Grávida, foge de Leiser, para que não fosse obrigada a fazer um aborto.

Depois de ter a criança, Esther consegue dinheiro de um antigo cliente e abre um bordel. Quanto ao filho, Marcos, deixa-o aos cuidados de Morena, uma velha que costumava cuidar de crianças. Com o tempo, Esther obtém sucesso no seu negócio e consegue dar ao filho uma vida digna e até com certos luxos.

Marcos cresce e Esther lhe dá um apartamento de luxo, para que o filho pudesse estudar. O filho passa no vestibular de História Natural, mas no dia da formatura, Esther não pode comparecer, pois é presa pelo governo e tem o seu bordel fechado.

Marcos passa, então, a trabalhar dando aulas em uma faculdade, onde conhece Elisa, psicóloga, com quem se casa e tem dois filhos. Esther tenta reabrir o bordel, mas suas tentativas sempre falham. Por fim, a judia acaba enlouquecendo. O filho interna a mãe em um asilo. Lá, ela não reconhece mais o filho, sempre rememorando fragmentos do passado.

A história de Esther remete à vida e aos costumes dos judeus e se direciona, principalmente, às discriminações: por ser mulher, afinal, ela não possuía direitos de exercer os rituais sagrados da Torá. Casando-se, tem a esperança de uma vida melhor na América, sem a presença de uma educação antiga e autoritária. Como não obtém atenção do marido, nem mesmo na noite de núpcias, Esther passa a entender as intenções do marido quando é encaminhada à prostituição. Já no Brasil, não tem direito à liberdade nem mesmo à dignidade. Sendo, inclusive, rejeitada por outros judeus:

Com a comunidade judaica Esther não tem nenhum contato. Recusam-na. Uma vez ela vai ao cinema Baltimore. Quer assistir a um filme iídiche: *Uma Carta da Mamãe*. Sabe que é um filme bom, um filme triste. E quer chorar um pouco. Toma um táxi. Chega cedo. Mas já uma pequena e barulhenta multidão comprime-se diante da bilheteria. Quando ela se aproxima, faz-se silêncio; à sua passagem, afastam-se. Ela vê uma senhora gorda cuspir no chão. Vê uma senhora nervosa murmurar qualquer



coisa ao ouvido do marido. Mas não se perturba. Avança até a bilheteria, compra seu ingresso. — Vamos embora! — diz uma voz esganiçada, de mulher. Ela não se volta para ver quem é. Entrega ao porteiro e entra. E é no cinema quase vazio que ela soluça, enquanto vê, com olhos turvos, as cenas tristes — tão tristes quanto esperava; e tão verdadeiras! (SCLIAR, 2002, p. 43).

O trecho demonstra uma situação vivida pela personagem Esther que representaria a de muitas outras mulheres, que estando na nova terra, tornam-se figuras estigmatizadas pela sociedade. Não bastando a condição inferior, que já viviam no país de origem, na nova terra, carregam mais um fardo, a intolerância, sem o apoio da família, que ficou para trás, sem notícias de seu paradeiro.

Esther é enganada quando se casa, se torna prostituta, e representa a situação degradante de muitas outras mulheres judias, que padeceram do mesmo engodo quando vieram para a América, em busca de uma vida melhor. Porém, nem por isso Esther deixa de exibir sua sexualidade, experimentar o prazer, considerado profano na maioria das religiões monoteístas — ainda mais quando se considera o prazer feminino:

Ah, mãe, tu não me ensinaste, mas aprendi ligeiro... E gosto, mãe... É bom. O médico russo... Prazer assim, tu nunca tiveste, nunca terás. Teu marido sabe degolar galinhas, mas não sabe te fazer gozar. E eu, marido não tenho, mas se soubesses como é bom um homem. E a vida que eu levo... (SCLIAR, 2002, p. 71).

Essa citação apresenta um monólogo interior de Esther quando acaba de escrever uma carta para a família (omitindo a vida que leva no Brasil) — mais uma de várias que não são respondidas. O médico russo é o homem que Esther conhece no navio rumo à América e que a introduz nos prazeres sexuais. É assim que Scliar compõe a personagem Esther, como tendo uma dupla face, representada e estigmatizada na figura de uma prostituta — mulher lasciva, de personalidade forte, independente — como também a filha judia, vítima, que sente saudades da família, mas que não se julga digna de estar perto deles:

Mãe, eu errei, eu sei, que errei casando com aquele Mên dele, mas vocês também erraram, não deveriam ter consentido, ele era um desconhecido para nós, o Mên dele





que foi para a América era um rapaz bom, o que voltou era um brinquedo nas mãos de bandidos, um viciado. E agora sou uma impura, mamãe querida, sou a vergonha de vocês. Por que não respondem às minhas cartas? (SCLIAR, 2002, p. 71).

### 3 Esther: sagrada e profana

Esther, apesar de todos os descaminhos profanos que tenha vivenciado, a partir do momento que se torna prostituta, o sagrado (considerado aqui como a manutenção aos valores, à tradição religiosa) também sempre se manteve presente. Quando tem o filho, pensa logo em circuncidá-lo, mesmo na dificuldade da tarefa. No romance, a mãe “procura o *mohel*, o homem da circuncisão. Este, a princípio, resiste; não quer fazer a circuncisão no filho de uma impura, de uma mulher que vive na boca do povo; teme por sua própria reputação” (SCLIAR, 2002, p. 68).

Quando o filho cresce, não dispensa o seu *bar-mitzvá*, assim, “a mãe queria que ele fizesse o *bar-mitzvá*; que lesse na sinagoga o seu trecho do *Torá*; que ingressasse, enfim, na comunidade dos homens judeus” (SCLIAR, 2002, p. 81).

É a partir de sua dualidade que Esther se configura como mulher na narrativa: a prostituta, sensual, e que não tem medo de expor sua sexualidade representa a mulher profana, tanto pelo ofício que ocupa, quanto pelo prazer que sente; a filha que se sente inferior diante dos pais e que se culpa por não mais se considerar digna deles, a mãe que cuida do filho sozinha e que apesar de ser renegada pela comunidade judaica, ainda mantém as tradições religiosas – a mulher sagrada.

De acordo com Araújo (citado por Del Priore 2011, p. 49), a mulher (de modo geral), desde a Idade Média, “carregava o peso do pecado original, e por isso, sobretudo sua sexualidade, devia ser vigiada muito de perto”. Ainda havia uma espécie de “adestramento” da sexualidade feminina, tarefa esta cabida ao pai e posteriormente ao marido, em que a educação da mulher era dirigida exclusivamente para os afazeres domésticos. Esta é uma situação que não se restringe somente a grupo específico, mas à história da mulher ao longo dos tempos. Assim, se reitera mais uma vez o fardo de profanidade que a maioria das mulheres “parece” carregar, pois desde tempos mais longínquos, sua sexualidade tem sido associada a algo pecaminoso.



Analisando essa acepção, é importante apontar para-se outra Ester, mais conhecida, há pelo menos centenas de anos, principalmente por estar em um âmbito sagrado. Primeiramente, é preciso considerar que *Esther* é um nome bíblico. Sua referência dá-se, no livro que lhe é homônimo, o Livro de Ester.

Com caráter histórico, o Livro de Ester pertence ao gênero literário midráxico. O midrax deriva do termo hebraico *darash*, que significa “perscrutar”, “procurar”, “explicar”, “investigar”. De acordo com a Bíblia cristã, este tipo de gênero literário não tem a intenção de registrar de forma fidedigna a história do passado, e nem se caracteriza como simples ficção. Trata-se da reconstrução imaginosa de um episódio ou a construção de um episódio fictício com ênfase religiosa, isto é, apresenta a ideia de que Deus age na defesa dos seus fiéis. Desta maneira, realça os aspectos edificantes e moralizantes dos fatos narrados, com a finalidade de edificação religiosa, apresentando um valor ou aprendizagem a seus leitores. Assim, ainda que cite datas, locais, dados geográficos, figuras históricas ou personagens (às vezes nada verossímeis), é uma história de cunho moralizante, a qual não se pode precisar quando ocorreu e se ocorreu.

A história da Ester bíblica tem como pano de fundo a Babilônia, na cidade de Susa, quando o povo de Israel ainda era cativo. O rei no momento era Assuero (ou Xerxes I, de acordo com outras traduções), que governava da Índia até a Etiópia, totalizando 127 províncias. Em comemoração pelo terceiro ano de seu reinado, o rei deu um grande banquete, que durou mais de 180 dias, em que compareceram muitos nobres e governantes.

Nos dias finais da comemoração, Assuero abriu espaço para que todos do seu reinado participassem, do mais simples ao mais importante. Estando comemorando, pede a alguns de seus súditos que levassem à sua presença a rainha Vasti, sua esposa. Porém, a rainha se recusa a comparecer diante do rei, o que o leva a ter um acesso de cólera. Então, o rei chama seus sábios, a fim de se aconselhar sobre o que deveria fazer.

Segundo o conselho de seus sábios, a rainha Vasti, não comparecendo, ferira todos os príncipes e a todos os povos que habitam qualquer das províncias do rei Assuero, além de possibilitar que outras mulheres “desprezassem seus maridos”. Assim, foi promulgado um edito no qual Vasti estaria proibida de comparecer diante do rei, a fim de que, com essa medida, em todo o reino, “todas as mulheres prestassem honra a seus maridos, do maior ao menor” (Ester 1, 20). Este trecho demonstra o papel da mulher na época, devendo ser submissa ao marido, e este considerado como “senhor de sua casa” (Ester 1, 21).



Após esse acontecimento, por sugestão dos cortesãos do rei, foi estabelecido um decreto em que donzelas e virgens de boa aparência deveriam comparecer ao harém do rei, para que a que agradasse ao rei fosse escolhida como nova rainha. Ester, órfã judia criada pelo tio Mardoqueu, foi levada ao palácio. Ester agrada a Egeu, o chefe dos eunucos. Seu tio, porém, a adverte para que não dissesse a ninguém que fosse judia. Quando é apresentada ao rei, Ester é a escolhida. Um grande banquete é ofertado e ela é coroada como a nova rainha.

Hamã, homem mais importante depois do rei, por odiar Mardoqueu (pelo fato de este não se prostrar quando o via), preparou uma conspiração contra os judeus, a fim de se vingar. Assim, usando do seu favoritismo junto ao rei, promulga que todos os judeus deveriam ser exterminados, sejam homens, mulheres, anciãos ou crianças.

Ester, quando soube do decreto, ficou muito triste. Um servo lhe comunica que Mardoqueu, seu tio, a pede para ir ao Rei e rogar por seu povo. Ester faz chegar ao seu tio a notícia de que teme fazer algo, pois não poderia se apresentar diante do rei sem ser chamada, sob risco de ser executada. Porém, o tio a faz lembrar de que é judia e que tem um dever para com seu povo.

Ester então toma o controle da situação e pede ao tio que confie nela. Por fim, consegue intercessão junto ao rei, ao se revelar como judia e pedir para que olhasse para o seu povo. O rei reverte o edito e os judeus saem vitoriosos. Hamã cai em desgraça perante o rei e é executado, quando Ester comunica que este queria matar inclusive Mardoqueu, seu tio, que havia livrado o rei de uma armadilha que pretendia para matá-lo.

Ambas as personagens, a Ester bíblica e a de Scliar, são de personalidade forte e procuram uma maneira para saírem de situações que prejudiquem sua sobrevivência. Na história de Ester da Bíblia,

ela própria é a personalidade mais complexa. À medida que a narrativa se desenvolve, Ester progride desde o ponto em que é a indefesa e manipulada sobrinha de Mardoqueu até o ponto em que se torna mentora do tio. Ela ultrapassa tanto Hamã quanto Mardoqueu em sagacidade na elaboração e execução de planos. A partir do capítulo 4, é Ester – e não os homens – que assume o controle, evoluindo de objeto sexual para uma bem-dotada sábia – e esta observação pode ajudar a resolver a



questão quanto ao comportamento sexual que antes foi apresentado (McCLARTY, 1989, p. 11).

A Esther de *O ciclo das águas* adquire coragem para se livrar do *cáften* que a mantém prisioneira (Leiser), rompendo assim, um ciclo de humilhações o qual era submetida. Ao ter um relacionamento com um jovem judeu (Rafael), iniciando-o sexualmente, ela não se reprime, como as mulheres de sua época eram orientadas a fazer. Ela não acata as ordens para abortar seu filho e o cria sozinha, mostrando ser uma mulher de personalidade forte: “tudo o que eu fiz, está dizendo Esther – e já é de madrugada, foi por ti, Marcos. Tudo que eu fiz e faço é por ti...” (SCLIAR 2002, p. 88). Abrindo e dirigindo um bordel sozinha, torna-se líder das polacas prostitutas, tornando-se, portanto, uma mulher independente.

Assim, essas duas mulheres (Esther e Ester) não deixam de manter suas tradições judaicas, sua vitalidade, mesmo com toda a adversidade que surge. Ambas, mesmo que em épocas distintas, vivem um momento em que a mulher ainda era refém da vontade masculina, e devido a essa vontade, passaram a ocupar seus lugares na sociedade: Esther torna-se prostituta, e Ester, rainha, não por escolha própria de ambas, mas devido à bela aparência das duas, o que demonstra que a mulher torna-se refém de uma objetificação.

### Considerações finais

Moacyr Scliar apresenta uma visão crítica da realidade ao abordar o elemento estrangeiro na literatura brasileira nas últimas décadas, especialmente a figura da mulher judia, que enganada, torna-se prostituta. O escritor se destaca como o representante mais expressivo desse encontro particular de culturas na contemporaneidade. Pesquisar sua obra, portanto, é uma forma de entrar em contato com esse universo cultural, ainda incógnito para alguns, já que este é um tema considerado tabu, principalmente na religião judaica. Conhecer a história de Esther de *O ciclo das águas* é conhecer, também, o passado de outras mulheres judias, que como a personagem, lutaram para se livrar da privação de sua liberdade, além de poderem viver a religião, conforme podiam.

É importante considerar, ainda, que muitas mulheres, para manterem o sagrado vivo em suas vidas, chegaram a fundar sinagogas e cemitérios exclusivos, como o Cemitério Israelita de Inhaúma, no Rio de Janeiro, já que, como prostitutas, “impuras”, não tinham direito de ser enterradas em cemitérios, mas em valas comuns. Essa é uma forma que essas mulheres puderam encontrar para se sentirem dignas e merecedoras de também de manterem a sua religião,



sinônimo de sua cultura, identidade, apesar de tudo, pois, “exorcizar demônios é difícil. [...] Mas deve ser feito, e o primeiro passo para isto é, como o sabiam os exorcizadores, chamar o demônio pelo nome” (SCLiar, 1985, p. 102).

-----

\* **Lunara Abadia Gonçalves Calixto** é graduada em Letras pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Pesquisadora do Laboratório de Estudos Judaicos (LEJ) da Universidade Federal de Uberlândia

## Referências

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 49-50.

BÍBLIA, A. T. Ester. Português. *Bíblia: mensagem de Deus*. Reed. Versão de P. João A. Mac Dowell, S. J. São Paulo: Ed. Santuário, 2003.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Nacional, 1965.

CÁNOVAS, Suzana Yolanda Lenhardt Machado. O ciclo das águas de Moacyr Scliar à luz da hermenêutica simbólica. *Signótica*. Goiânia, v. 23, n. 1, p. 213-229, jan.-jun. 2011.

FELDMAN, Sérgio Alberto. A mulher na religião judaica. *Métis: história & cultura*, v. 5, n. 10, p. 251-272, jul.-dez. 2006.

KUSHNIR, Beatriz. *Baile de máscaras*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

LIA, Cristine Fortes. Os judeus de Moacyr Scliar: o judaísmo no Rio Grande do Sul durante o século XX. In: Anais eletrônicos do IV Encontro Nacional do GT História das religiões e das religiosidades – *Revista Brasileira de História das Religiões*. Maringá, v. 5, n. 15. jan. 2013.

McCLARTY, Wilma. O Livro de Ester como literatura. *Diálogo Universitário*, v. 1, n. 2, 1989, p. 10-13.

RAGO, Margareth. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo (1980-1930)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.



SCLIAR, Moacyr. *A condição judaica*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

SCLIAR, Moacyr. *O ciclo das águas*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

TRINDADE, Lisiane Bonilla; SCARPARI, Zília Mara Pastorello. O ciclo das águas: história e imaginário. *Disciplinarum Scientia*. Série: Artes, Letras e Comunicação, Santa Maria, v. 3, n. 1, p. 145-161, 2002.